

Imagem e anonimato na virtualização do eu e do cotidiano

Imagem e anonimato na virtualização do eu e do cotidiano

Suzete Venturelli

Nossa vida é aquela da passagem, do fluxo, do zapping...como percebemos o que acabamos de ver e já esquecemos...? Graças à mídia e suas redes sociais como o Facebook e o Instagram, o compartilhamento da vida pessoal, a virtualização do eu, parece tão autêntico quanto o **reality show**. Citando o filósofo Roland Barthes, no sentido de que a vida privada nada mais é do que a zona do espaço, do tempo, onde não sou uma imagem, um objeto, o filósofo Byung-Chul Han (2015), argumenta que a vida privada está desmoronando com a virtualização do eu, na mídia social. A virtualização do eu, nessa reflexão, corresponde às imagens que transmitimos na internet diariamente, identificadas ou anônimas, nas mídias sociais ou intimamente, como parte de um conteúdo de auto-revelação.

Sobre o prazer que temos na auto-revelação, Kaiping Zhang e Rene F. Kizilcec (2014) comentam que a informação compartilhada nas mídias sociais, inevitavelmente transmite conteúdo de interesse pessoal, que pode ser avaliado e inevitavelmente julgado. Compartilhar conteúdo parte de uma decisão pessoal de se auto-revelar, evocando uma variedade de considerações psicológicas e sociais. Segundo pesquisa que os autores relatam, mostra que atos de auto-revelação ativam a região neural associada à experiências de recompensa primária, que é também ativada ao se consumir alimentos ou se envolver em relações sexuais. Esses dados estão relacionados com as emoções que são auto-relatadas por compartilhadores de conteúdo e demonstram que são positivas. Assim, eles deduzem que o compartilhamento anônimo ocorre com menos frequência do que compartilhar com identificação pessoal, porque compartilhar anonimamente poderia ser uma experiência menos recompensadora.

O compartilhamento ocorre na Internet, considerada a rede das redes, que interconecta por meio de computadores milhões de pessoas, e a sua famosa parte multimídia www (World Wide Web) que, por sua vez, se tornou o mais poderoso meio de transação comunicacional interativa, cujo universo ou fronteira eletrônica se expandem como se fosse um mundo paralelo (VENTUELLI, 2004). Dessa maneira, temos diante de nós novas possibilidades nos contextos temporais, espaciais, geográficos e conseqüentemente culturais. As fronteiras culturais e geográficas deixaram de existir e não são mais importantes. Por essa razão, as tecnologias contemporâneas de comunicação são, para muitos autores, motivo de preocupação, por que são ao mesmo tempo ameaçadoras e objetos maravilhosos. Para Francis Pisani (1995), não dá para entender o impacto das novas tecnologias da informação e da comunicação na sociedade de forma geral, sem um mínimo de conhecimento sobre o pós-modernismo e a teoria do caos. A teoria do caos, por exemplo, tende a ler a desordem como uma informação extremamente complexa mais do que como uma ausência de ordem. Ela sublinha a importância do imprevisível e conduz a uma apreensão do mundo no qual toda globalização pode tornar-se um perigo.

Para o autor Edgar Morin (2008), a complexidade é definida como um complexus, o que é tecido em conjunto. Nesse caso, os constituintes heterogêneos estão inseparavelmente associados, pois encontra no paradoxo do uno e do múltiplo. O autor define a complexidade, também, como o tecido de acontecimentos, ações, interações, retroações, determinações, acasos, que constituem o nosso mundo fenomenal. Ele diz que a complexidade contém os traços inquietantes da confusão, da desordem, da ambigüidade, da incerteza. À primeira vista, diz o autor, é um fenômeno quantitativo,

a extrema quantidade de interações e de interferências entre um número muito grande de unidades. Entretanto, Morin pensa que a complexidade não compreende apenas quantidades de unidades e interações que desafiam as nossas possibilidades de cálculo; compreende também incertezas, indeterminações, fenômenos aleatórios. A complexidade está portanto ligada a uma certa mistura de ordem e de desordem. (MORIN, 2008).

Na complexidade das redes sociais encontram-se os espaços globalizantes que possibilitam, em função de sua estrutura interna, que os usuários se engajem num processo hipermediático, que significa passar através de vários processos de interconexão de manipulação do mundo e de sua arena cultural. Ao perceber as milhões de possibilidades de interconexão, Paul Virilio, acreditou na pulverização das culturas locais e definiu-o como um espaço desorientado ou de desorientação que estaria provocando uma perda de referência do ser, do estar aqui e agora, condições não possíveis de existirem no ciberespaço da internet e na informação instantânea e mundial. Outra característica que ele apontou é que em seu aspecto virtual, na perspectiva do tempo, a história está acontecendo em um tempo único: o tempo mundial, que prefigura um novo tipo de tirania, porque deixa de acontecer em tempos locais, espaços locais, regiões e nações.

Em outras palavras, o tempo real estaria conseguindo exterminar o espaço como coisa local e transforma-o de forma dinâmica numa nova dimensão espaço-temporal. Labirinto dos labirintos, como é, às vezes, definido esse espaço-tempo tecnológico [ATTALI, 1997], torna-se uma das mais velhas figuras do pensamento humano, transformando o homem num nômade virtual, viajante da imagem e do simulacro a domicílio, compreendendo que o tempo não passa só num sentido único, mas que, como água num labirinto, passa em caminhos tortuosos, espirais e impasses e distâncias enganosas.

Talvez as novas tecnologias de comunicação no final de século passado tenham se instalado, como cita Mattelart [1995], como paradigma maior da nova sociedade global, onde uma economia de fluxos imateriais não cessa de se desenvolver e cuja utopia maior é acreditar que essas modernas redes vão transformar o planeta e então todos os homens se tornarão irmãos. Contudo, não se pode deixar de observar que, a partir de uma nova sociedade global, talvez, tenhamos propiciado o surgimento de uma nova classe social, a “classe virtual”, que pode vir a ser a classe dominante na era da informática e, portanto, factível de ser analisada sob o prisma do poder, como pode ser confirmando pelas múltiplas atividades que estão a cada dia sendo implementadas nas redes sociais, na sociedade da transparência global.

Eu estou compartilhado, mas anonimamente...

O que indica a pulverização de informações nas mídias sociais, na sociedade global? A auto-revelação anônima é uma delas, pois há no momento, muita pressão em postar a atualização de **status** ou selfie certa no momento certo para obter o maior número de curtidas e comentários, e por isso vários aplicativos sociais anônimos começaram a atrair mais interesse ultimamente. É quase como se tivéssemos um círculo completo com as mídias sociais e estivéssemos de volta ao começo novamente, preferindo a privacidade e a tranquilidade de não precisarmos manter nossas identidades on-line. Por exemplo, o **APP Psiu! Anônimo**, permite que os usuários se reúnam para conversar sem estarem vinculadas a um nome, foto ou qualquer outra informação pessoal. O compartilhar é livre e aberto. Os temas frequentes são notícias, opiniões, segredos, cotidiano, fotos e comentários. É possível enviar mensagens de texto entre somente duas pessoas, sem compartilhar quem você é. Qualquer coisa que você postar na comunidade desaparece depois de 48 horas, semelhante ao **Snapchat**. O aplicativo é um serviço de mensagens no qual usuários trocam vídeos e fotos que duram por apenas alguns instantes, como informações voláteis. Porém, aproveitando-se

de algumas falhas de segurança na hora de criptografar este conteúdo, alguns desenvolvedores criaram programas capazes de salvar itens compartilhados na rede social.

Talvez esses aplicativos apresentem meios para que se possa encontrar uma saída no que Gilles Deleuze (1990) vislumbra na sociedade do controle. Segundo Deleuze, assistimos a uma crise generalizada desses ambientes de confinamento, pois há ao mesmo tempo a transformação do capitalismo industrial em capitalismo dispersivo, de superprodução, isto é, para venda ou para o mercado, no qual a fábrica dá lugar à empresa. Esse novo tipo de organização, que conta com a evolução técnica e o desenvolvimento das tecnologias de informação e comunicação, parece garantir uma margem de manobra maior para os indivíduos, espaços-tempos mais abertos e flexíveis, mais mobilidade, mas aparentemente só é isso, e então ele pergunta o que mais nos restaria? Porque, contrariamente aos dispositivos disciplinares, considerando Michel Foucault, que procedem da coerção e da concentração dos corpos, o movimento e a liberdade de circulação são as condições necessárias ao exercício de um poder que opera a partir de agora pelo controle contínuo de todos os aspectos da existência e por comunicação instantânea.

Ele avalia que empresas, como as de computadores, dispositivos de computador de monitoramento remoto e cibernética, ainda não aboliram as anteriores. Mas elas emergem em favor da decomposição das instituições disciplinares em processos de subjugação mais flexíveis e insidiosos. E confrontados com as próximas formas de controle incessante em um ambiente aberto, pode ser que os confins mais difíceis nos pareçam pertencer a um passado delicioso e benevolente. Suas reflexões e as de Byung-Chul Han alertam para os problemas que a excessiva exposição voluntária representa uma nova forma de prisão, onde todos vigiam todos, como num panóptico.

Já, em sua crítica relativa às imagens da mídia, Gilbert Durant (2001) disse que a criatividade do imaginário se anestesiou em função dos nivelamentos dos valores, da indiferença espetacular, que, por sua vez, foram reforçadas por um outro tipo de perigo relacionado ao anonimato das imagens da mídia. Distribuídas ou compartilhadas “generosamente”, escapavam da responsabilidade de qualquer “dignatário”, seja ele político ou religioso, permitindo com isso as manipulações éticas e as “desinformações” por produtores não-identificados.

Anonymity/Anonimato para revelar a imagem do cotidiano

Compartilhadas e pulverizadas, as imagens anônimas são o desígnio de reflexões de muitos artistas na atualidade. São muitas histórias que surgem do momento voyeurístico em que ocorre o encontro com o assunto fotográfico, mas também videográfico. Nesse caso a identidade difusa e o anonimato do autor, a partir do caráter, remetem a figuras artísticas conhecidas, numerosas na literatura como na prática das artes midiáticas, como por exemplo na videoarte em particular, como Bill Viola são renovadas e retomadas.

Relato aqui um projeto de uma série intitulada de Anonymity, composta por fotografias e vídeos computacionais, que começou nos anos 2008, na qual a máquina está disposta no ambiente onde estou, observa e capta momentos íntimos e outros sociais, de modo aleatório e automaticamente, para revelar o **voyeur** que existe nos sistemas computacionais interativos como câmeras de segurança especialmente, assim como contar histórias. São imagens capturadas anonimamente por dispositivos de visão, controlados por um software, que desenvolvo especialmente, para manipular a imagem original computacionalmente, inserindo novos elementos estéticos como o tratamento espaço-temporal. Cada vídeo ou fotografia, não apresenta uma descrição, mas mostra somente o nome do lugar, como hotel, aeroporto, entre outros títulos. Assim como câmeras de segurança que registram imagens anônimas do cotidiano diariamente.



Figura 1- videoarte Hotel Hong Kong- 2016. Suzete Venturrelli

Parto da seguinte questão: é possível imaginar um mundo sem as imagens anônimas de rua ou do cotidiano íntimo ou social? Penso no legado de artistas do cotidiano e antológicos como Lisette Model, Robert Doisneau, Cartier-Bresson. Todos nós podemos desempenhar um papel no registro e documentação do mundo ao nosso redor, uma imagem de cada vez, é essa a ideia. Na atualidade, pode-se dizer que as câmeras de segurança também têm a função de documentação do nosso cotidiano. Elas são divulgadas e na sua maioria são violentas, pois são consideradas provas de alguma ação agressiva. Outra característica importante é a visualização simultânea de 4 ou mais fotografias/vídeos simultaneamente, de diferentes pontos de vista. Uma mudança radical é que a nova tecnologia de câmeras de segurança rastreia mudanças na temperatura corporal e sinais de ansiedade, podendo alertar sobre possíveis ataques, como os ataques terroristas.

Uma das precauções mais comuns que as pessoas têm sobre fotografar o cotidiano na rua é a sensação de invadir a privacidade dos outros. É uma preocupação legítima e que são resolvidas por artistas com regras simples. Entretanto, as câmeras de segurança, não tem esse discernimento, podem registrar e revelar pessoas em situações vulneráveis ou embaraçosas, mas as imagens são protegidas por lei. A proteção ao direito à imagem é tríplice, abrangendo as áreas administrativa, penal e cível, sendo esta última a de maior relevância no direito à imagem.

Alguns artistas se apropriam desses dispositivos, transgredindo a lei, anonimamente, para refletir sobre o assunto pela arte. Nessa perspectiva, a onipresença da tecnologia de vigilância pública já foi revirada e se insere no contexto da contra-cultura, com inserção social e, ao mesmo tempo, tecnologicamente presciente, pois tratam as câmeras como elementos de um relacionamento anônimo com o social ou como um confessionário diário do cotidiano, discutindo sua própria vigilância, o resultado é um exercício cativante e misterioso de **oversharing**, um retrato do cotidiano performativo facilitado pela tecnologia panóptica da própria estrutura de segurança das cidades.

Conclusão

O tema imagem e anonimato apresentou três situações neste texto: a face da revelação de pessoas interagindo na mídia social; o lado ameaçador de sua virtualização, principalmente no contexto das câmeras de seguranças e o lado de resignificação por meio da arte, na qual é possível alertar sobre o controle social que somos subjugados diariamente. No contexto artístico, as propostas que tem por característica a transmissão de conteúdos midiáticos como textos, vídeos, imagens e sons, o anonimato pode ser considerado uma abertura para imaginários coletivos, assim como revela as ações de ativismo como fator positivo na desestabilização da Web, que é aparentemente um ambiente seguro, para mostrar como todo o sistema é instável. Nesse sentido, Marshall McLuhan (1969) disse que o impacto das novas mídias no cotidiano das pessoas e seus pensamentos influenciaram toda uma geração. Para o teórico, cada uma das novas mídias é de uma certa maneira uma nova linguagem, uma nova codificação de experiências realizadas coletivamente pelos novos hábitos de trabalho e uma tomada de consciência coletiva global. Dizia que as novas mídias não nos colocam de maneira alguma em relação ao antigo mundo “real”, elas são o mundo real refazendo o que resta do mundo antigo.

Referências

- ATTALI, Jacques. Les Labyrinthes de l'Information. www.synec_doc.br/doc/attali.html. 1997.
- DELEUZE, Gilles. Pourparlers (1972-1990). Paris: Éd. Minuit, 1990.
- DURANT, Gilbert. O Imaginário: Ensaio Acerca das Ciências e da Filosofia da Imagem. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.
- HAN, Byung-Chul. The Transparency Society. Stanford University Press, 2015.
. Acesso em 2/3/2018.
- GIANNACHI, Gabriella. Virtual Theatres: An Introduction. London: Routledge, 2004.
- McLUHAN, Marshall. Os Meios de Comunicação. São Paulo: Editora Cultrix, 1979.
- MATTELART, Armand. Les Nouveaux Scénarios de la Communication Mondiale. www.ina.fr/mondediplo/1995/08/MATTELART/1704.html.
- MORIN, Edgar. Ciência como Consciência. Tradução de Maira D. Alexandre e Maria Alice Sampaio Dória. 10ª Edição. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.
- _____. Introdução ao Pensamento Complexo. Tradução de Dulce Matos. 5ª Edição. Lisboa: Instituto Piaget, 2008.

PISANI, Francis. Les Frontières Inconnues du Cyberspace, www.ina.fr/cp/mondediplo/1995/11/PISANI/1995.html.

ZHANG, Kaiping e KIZILCEC, René. Anonymity in Social Media: Effects of Content Controversiality and Social Endorsement on Sharing Behavior. Disponível em: http://rene.kizilcec.com/wp-content/uploads/2014/03/zhang_kizilcec_anonymity_icwsm2014.pdf.

VENTURELLI, Suzete. Arte: Espaço_tempo_imagem. Brasília: Edunb, 2004.

VIRILIO, Paul. O Espaço Crítico e as Perspectivas do Tempo Real. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1993.